

André Comte-Sponville

A felicidade,
desesperadamente

martins
Martins Fontes

Este livro foi digitalizado pelo time do Portal Do Criador (antigamente www.portaldocriador.org, hoje <http://portaldocriador.cajueiro.org>). Toda sugestão, dúvida ou reclamação é bem-vinda. Junte-se a nós!

Digitalização: Mulder

Revisão: Mulder e Lamps

Revisão final: Lamps

Gostaríamos de dedicar este trabalho ao Argo, o pirata que nos ensinou como digitalizar livros, como organizar-se na internet sem autoritarismo, e até como construir casas (!) .

=====
=====

Você se sente mal por fazer uso de um livro pirata? Por quê?

Conheça as ideias dos partidos piratas em www.partidopirata.org !



=====
=====

André Comte-Sponville

A FELICIDADE, DESESPERADAMENTE

Tradução de Eduardo Brandão

Martins Fontes

Esta obra foi publicada originalmente em francês com o título LE BONHEUR, DÉSESPÉRÉMENT, por Éditions Pleins Feux, Nantes. Copyright © Éditions Pleins Feux. Copyright © 2001, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 2001

4ª tiragem 2010

Tradução

EDUARDO BRANDÃO

Revisão gráfica Renato da Rocha Carlos Lilian Jenkino Produção gráfica
Geraldo Alves Paginação/Fotolitos Studio 3 Desenvolvimento Editorial

O texto que segue é a transcrição, revista e corrigida pelo autor, da conferência-debate pronunciada por André Comte-Sponville no dia 18 de outubro de 1999, no âmbito dos LundisPhilo [Segundas-feiras de Filosofia], no Piandcktail, em Bouguenais (44340).

Comte-Sponville, André, 1952-

A felicidade, desesperadamente / André Comte-Sponville ; tradução Eduardo Brandão. - São Paulo : Martins Fontes, 2001.

Título original: Le bonheur, désespérément. ISBN 85-336-1368-7

1. Filosofia - Ensaios I. Título.

01-1116 CDD-190.2

índices para catálogo sistemático:

A felicidade, desesperadamente

Vou falar, então, da felicidade... Confesso que, diante de tal tema, estou dividido entre dois sentimentos opostos. Primeiro, o sentimento da evidência, da banalidade mesmo: porque a felicidade, quase por definição, interessa a todo o mundo (lembrem-se de Pascal¹: "Todos os homens procuram ser felizes; isso não tem exceção... É esse o motivo de todas as ações de todos os homens, inclusive dos que vão se enforçar...") , e deveria interessar ainda mais ao filósofo. Tradicionalmente, historicamente, desde que os gregos inventaram a palavra e a coisa *philosophia*, todos sabem que a felicidade faz parte dos objetos privilegiados da reflexão filosófica, que é até um dos mais importantes e dos mais constantes. Vejam Sócrates ou Platão, Aristóteles ou Epicuro, Spinoza ou Kant, Diderot ou Alain... "Não é verdade que nós, homens, desejamos todos ser felizes?"² A resposta é tão evidente, nota Platão, que a pergunta quase não merece ser feita. "De fato, quem não deseja ser feliz?"³ A busca da felicidade é a coisa mais bem distribuída do mundo.

No entanto, ao mesmo tempo que esse sentimento de evidência ou de banalidade, tenho também o de certa singularidade, certa solidão, para não dizer de certa audácia: esse tema, que pertence desde há tanto à tradição filosófica, a maioria dos filósofos contemporâneos - digamos, os que dominaram a segunda metade do século XX - tinha quase completamente esquecido, como se de repente a felicidade houvesse deixado de ser um problema filosófico. Foi o que surpreendeu meus colegas, quando publiquei meu primeiro livro, o *Traité du désespoiret de la béatitude...*⁴ Parecia-lhes

¹ *Pensées*, fr. 148-425 (o primeiro número é o da ed. francesa de Lafuma, Seuil, 1963; o segundo o da ed. Bruns-chvicg, Hachette, 1897). [Trad. bras.: *Pensamentos*, São Paulo, Martins Fontes, 2001.]

² Platão, *Eutidemo*, 278 e.

³ *Ibid.*

⁴ Tomo 1, *Le mythe d'Icare*, PUF, 1984; tomo 2, *Vivre*, PUF, 1988. [Trad. bras., respectivamente: *Tratado do desespero e da beatitude*, São Paulo, Martins Fontes,

que eu reatava com velhas noções - a da felicidade, a da sabedoria... - que lhes soavam obsoletas, arcaicas, superadas, que eu filosofava, foi o que me disse na época meu ex-professor do curso preparatório para a École Normale Supérieure, como já não se fazia "há séculos", acrescentara ele, eu nunca soube se era um elogio ou uma crítica, "como já não se ousa fazer..." Em suma, eu estava com alguns séculos de atraso, e não deixaram de me chamar a atenção para isso... Serão quase sempre os mesmos que, alguns anos depois, me acusarão de *seguir a onda* (que onda? a da sabedoria, da filosofia antiga ou à antiga, da ética, da felicidade...). Não mudei muito, porém, nem eles. O público é que mudou, e tanto melhor se eu tiver alguma coisa a ver com isso. Meu primeiro livro apareceu em janeiro de 1984: parecia então, de fato, que eu estava com vários séculos de atraso... Depois veio o sucesso, pouco a pouco, e compreendi que eu estivera uns dez anos adiantado. Não me gabo. O que são dez anos para a filosofia? Mas também não tenho por que me envergonhar. A verdade é que o passado da filosofia está sempre diante de nós, que nunca terminaremos de explorá-lo, de compreendê-lo, de tentar prolongá-lo... E que foi por não ter medo de parecer superado ou atrasado que talvez, às vezes, eu tenha estado um pouco adiantado...

O fato é que meu ponto de partida, em filosofia, foi reatar com essa velha questão grega e filosófica, a questão da felicidade, da vida boa, da sabedoria. Não por gosto de remar contra a corrente, mas porque eu tinha vontade de fazer filosofia como a faziam os mestres que eu apreciava e admirava, apesar de alguns deles terem morrido há vários séculos: os gregos primeiro, é claro, mas também Montaigne ou Descartes, Spinoza ou Alain... Nesse caminho, aliás, havia pelo menos um contemporâneo que me precedera: Mareei Conche. Depois outro, que, sem o seguir pessoalmente, me incentivava a explorá-lo: Louis Althusser. Segui o exemplo ou o conselho deles. Subi muito a montante, na história da filosofia, para tentar avançar um pouco. Não tinha escolha: não teria podido filosofar de outro modo.

Em suma, quis reatar não apenas com a etimologia, que não passa de um pequeno aspecto da questão, mas com essa tradição filosófica que faz que a *philosophia*, como diziam os gregos, seja, etimológica e conceitualmente, o amor à sabedoria, a busca da sabedoria, sabedoria que se reconhece de fato, para quem a atinge e segundo a quase totalidade dos autores, por uma certa qualidade de felicidade. Se a filosofia não nos ajuda a ser felizes, ou a ser menos infelizes, para que serve a filosofia?

O filósofo que mais me marcou, durante todos os meus anos de estudo, mais ainda que Spinoza, mais ainda que Marx ou Althusser, foi sem dúvida Epicuro, que descobri no curso preparatório e a quem mais tarde consagrei minha dissertação de mestrado. Fiz logo minha a belíssima definição que ele dava da filosofia. Lembrem-se da primeira aula de filosofia que vocês tiveram, vocês que chegaram ao último ano do segundo ciclo... Há uma pergunta que os professores de filosofia fazem quase inevitavelmente no

colegial (eu próprio fui professor de filosofia por vários anos) na primeira aula do ano, no início do mês de setembro. É preciso explicar a adolescentes que nunca estudaram filosofia o que ela é, em outras palavras, o que eles vão estudar, à razão de oito, cinco ou três horas por semana, conforme o curso, durante todo um ano; o que é essa nova disciplina - nova para eles! - que se chama desde há tanto tempo filosofia... Contaram-me que um colega, na primeira aula do ano, à pergunta "*O que é a filosofia?*" respondia: "A filosofia é uma coisa extraordinária. Faz vinte anos que ensino e continuo sem saber o que é!" Se fosse verdade, eu acharia muito mais inquietante do que extraordinário. O que poderia valer uma disciplina intelectual que não fosse capaz nem sequer de se definir? Mas não creio que seja assim. A verdade é que é perfeitamente possível responder à pergunta "*O que é a filosofia?*" e até mesmo de várias maneiras diferentes - essa pluralidade mesma já é filosófica. Quanto a mim, adotei a resposta que Epicuro dava a essa pergunta. Ela assume devidamente a forma de uma definição: "*A filosofia é uma atividade que, por discursos e raciocínios, nos proporciona uma vida feliz.*"⁵ Gosto de tudo nessa definição. Gosto em primeiro lugar de que a filosofia seja uma "atividade", *energeia*, e não apenas um sistema, uma especulação ou uma contemplação. Gosto de que ela seja feita por "discursos e raciocínios", e não por visões, bons sentimentos ou êxtases. Gosto enfim de que ela nos proporcione "uma vida feliz", e não apenas o saber e, menos ainda, o poder... Ou, em todo caso, de que ela *tenda* a nos proporcionar uma vida feliz. Porque, se eu tinha uma reserva a fazer, e tenho, a essa bela definição de Epicuro, é que não estou convencido de que tenhamos, nós, modernos, os meios de assumir o belo otimismo grego ou a bela confiança grega. Onde Epicuro escrevia que "*a filosofia é uma atividade que, por discursos e raciocínios, nos proporciona uma vida feliz*", eu diria antes, mais modestamente, "*que tende a nos proporcionar uma vida feliz*". Fora essa reserva, a definição, que data de vinte e três séculos atrás e que me ilumina já há quase trinta anos, continua me convindo. O que é a filosofia? Para dizê-lo com palavras que sejam minhas (mas vocês verão que minha definição está calcada na de Epicuro), responderei: *a filosofia é uma prática discursiva* (ela procede "por discursos e raciocínios") *que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim*. Trata-se de pensar melhor para viver melhor.

A felicidade é a meta da filosofia. Ou, mais exatamente, a meta da filosofia é a sabedoria, *portanto* a felicidade - já que, mais uma vez, uma das ideias mais aceitas em toda a tradição filosófica, especialmente na tradição grega, é que se reconhece a sabedoria pela felicidade, em todo caso por certo tipo de felicidade. Porque, se o sábio é feliz, não é de uma maneira qualquer nem a um preço qualquer. Se a sabedoria é uma felicidade, não é uma felicidade qualquer! Não é, por exemplo, uma felicidade obtida à custa de drogas, ilusões ou diversões. Imaginem que nossos médicos inventem, nos

⁵ Fragmento 218 da ed. Usener, transmitido por Sexto Empírico (*Adv. Math.*, XI, 169), trad. fr. M. Conche, Epicuro, *Lettres et maximes*, PUF, 1987, p. 41.

anos futuros - alguns dizem que já inventaram, mas, tranquilizem-se, ainda há muito o que esperar -, um novo remédio, uma espécie de ansiolítico e antidepressivo absoluto, que seria ao mesmo tempo um tônico e um euforizante: a *pílula da felicidade*. Uma pilulazinha azul, cor-de-rosa ou verde, que bastaria tomar todas as manhãs para se sentir permanentemente (sem nenhum efeito secundário, sem viciar, sem dependência) num estado de completo bem-estar, de completa felicidade... Não digo que nos recusaríamos a experimentá-la, nem às vezes, quando a vida está mesmo muito difícil, até a usá-la com certa regularidade... Mas digo que quase todos nós nos recusaríamos a nos satisfazer com ela e que, em todo caso, nos recusaríamos a chamar de *sabedoria* essa felicidade que deveríamos a um remédio. A mesma coisa vale, claro, para uma felicidade que proviesse apenas de um sistema eficaz de ilusões, mentiras ou esquecimentos. Porque a felicidade que queremos, a felicidade que os gregos chamavam de sabedoria, aquela que é a meta da filosofia, é uma felicidade que não se obtém por meio de drogas, mentiras, ilusões, *diversão*, no sentido pascaliano do termo; é uma felicidade que se obteria em certa relação com a verdade: uma verdadeira felicidade ou uma felicidade verdadeira.

O que é a sabedoria? É a felicidade na verdade, ou "a alegria que nasce da verdade". Esta é a expressão que Santo Agostinho⁶ utiliza para definir a *beatitude*, a vida verdadeiramente feliz, em oposição a nossas pequenas felicidades, sempre mais ou menos factícias ou ilusórias. Sou sensível ao fato de que é a mesma palavra *beatitude* que Spinoza retomará, bem mais tarde, para designar a felicidade do sábio, a felicidade que não é a recompensa da virtude mas a própria virtude... A *béatitude* é a felicidade do sábio, em oposição às felicidades que nós, que não somos sábios, conhecemos comumente, ou, digamos, às nossas aparências de felicidade, que às vezes são alimentadas por drogas ou álcoois, muitas vezes por ilusões, diversão ou má fé. Pequenas mendras, pequenos derivados, remedinhos, estimulantezinhos... Não sejamos severos demais. Nem sempre podemos dispensá-los. Mas a sabedoria é outra coisa. A sabedoria seria a felicidade na verdade.

A sabedoria? É uma felicidade verdadeira ou uma verdade feliz. Não façamos disso um absoluto, porém. Podemos ser *mais ou menos* sábios, do mesmo modo que podemos ser mais ou menos loucos. Digamos que a sabedoria aponta para uma direção: a do máximo de felicidade no máximo de lucidez.

⁶ *Confissões*, X, 23. Sobre o "eudemonismo radical" de Santo Agostinho, ver E. Gilson, *Introduction à Vétude de saint Augustin*, Vrin, 1982, pp. 1-10, 149-63. Mas esse eudemonismo na verdade apenas prolonga o eudemonismo grego: "Um grego, qualquer que seja a concepção que ele tenha da essência da moralidade, não vê outro fim para a atividade que não a obtenção e a conservação da felicidade" (Léon Robin, *La morale antique*, PUF, 1963, p. 72).

Portanto a felicidade é a *meta* da filosofia. Para que serve filosofar? Serve para ser feliz, para ser *mais* feliz. Mas, se a felicidade é a *meta* da filosofia, não é sua *norma*. O que entendo por isso? A meta de uma atividade é aquilo a que ela tende; sua norma é aquilo a que ela se submete. Quando digo que a felicidade é a meta da filosofia mas não sua norma, quero dizer que não é porque uma ideia me faz feliz que devo pensá-la - porque muitas ilusões confortáveis me tornariam mais facilmente feliz do que várias verdades desagradáveis que conheço. Se devo pensar uma ideia, não é porque ela me faz feliz (senão a filosofia não passaria de uma versão sofisticada, e sofisticada, do método Coué: trata-se de pensar "positivo", como se diz, em outras palavras ludibriar-se). Não, se devo pensar uma ideia é *porque ela me parece verdadeira*. A felicidade é a meta da filosofia mas não é sua norma, porque a norma da filosofia é a verdade, pelo menos a verdade possível (porque nunca a conhecemos por inteiro, nem absolutamente, nem com total certeza), o que chamaria de bom grado, corrigindo Spinoza por Montaigne, *a norma da ideia verdadeira dada ou possível*. Trata-se de pensar não o que me torna feliz, mas o que me parece verdadeiro - e fica a meu encargo tentar encontrar, diante dessa verdade, seja ela triste ou angustiante, o máximo de felicidade possível. A felicidade é a meta; a verdade é o caminho ou a norma. Isso significa que, se o filósofo puder optar entre uma verdade e uma felicidade - felizmente, o problema nem sempre se coloca nesses termos, só às vezes -, se o filósofo puder optar entre uma verdade e uma felicidade, ele só será filósofo, ou só será digno de sê-lo, se optar pela verdade. Mais vale uma verdadeira tristeza do que uma falsa alegria.

Sobre este último ponto, nem todo o mundo estará de acordo. Sem dúvida vários de vocês, na sala, estarão se dizendo que, pensando bem, entre uma verdadeira tristeza e uma falsa alegria, vocês prefeririam a falsa alegria... Vários, mas não todos. Pois bem: dispomos aqui de uma excelente pedra de toque, para saber quem é filósofo na alma e quem não é. Toda definição da filosofia já acarreta uma filosofia. Do meu ponto de vista, só é verdadeiramente filósofo quem ama a felicidade, como todo o mundo, mas ama *mais ainda* a verdade - só é filósofo quem prefere uma verdadeira tristeza a uma falsa alegria. Nesse sentido, muitos são filósofos sem ser profissionais da filosofia, e é melhor assim; e alguns são profissionais ou professores de filosofia sem que por isso sejam filósofos, e azar deles.

O essencial é não mentir, e antes de mais nada não se mentir. Não se mentir sobre a vida, sobre nós mesmos, sobre a felicidade. E é porque eu gostaria de não mentir que adotei o projeto que se segue. Num primeiro tempo, tentarei compreender por que não somos felizes, ou tão pouco, ou tão mal, ou tão raramente: é o que chamarei de *a felicidade malograda*⁷, ou *as armadilhas da esperança*. Num segundo tempo, a fim de tentar sair dessa armadilha, exporei uma *crítica da esperança*, desembocando no que chamarei de *a felicidade em ato*. Enfim, num terceiro tempo, que poderia se chamar *a felicidade desesperadamente*, terminarei evocando o que poderia

⁷ No original, *bonheur manque*. (N. do T.)

ser uma sabedoria do desespero, num sentido que especificarei e que seria também uma sabedoria da felicidade, da ação e do amor.

I - *A felicidade malograda, ou as armadilhas da esperança*

Por que a sabedoria é necessária? No fundo, vocês poderiam me fazer ou se fazer essa pergunta. Precisamos da sabedoria? A tradição responde que sim, mas o que nos prova que ela tem razão? Nossa infelicidade. Nossa insatisfação. Nossa angústia. Por que a sabedoria é necessária? Porque não somos felizes. Se há nesta sala pessoas plenamente felizes, é evidente que nada tenho a lhes dar, pelo menos se a felicidade delas é uma felicidade na verdade: elas são mais sábias que eu. Autorizo-as de bom grado a deixar a sala. Mas por que teriam vindo? O que um sábio teria a fazer com um filósofo?

Por que a sabedoria é necessária? Porque não somos felizes. Isso coincide com uma fórmula de Camus, que tinha o dom de dizer simplesmente coisas graves e fortes: "*Os homens morrem, e não são felizes.*" Acrescentarei: por isso a sabedoria é necessária. Porque morremos e porque não somos felizes. Se não morrêssemos, mesmo sem ser felizes, teríamos tempo de aguardar, diríamos a nós mesmos que a felicidade acabaria chegando, nem que daqui a alguns séculos... Se fôssemos plenamente felizes, aqui e agora, poderíamos talvez aceitar morrer: esta vida, tal como é, em sua finitude, em sua brevidade, bastaria para nos satisfazer... Se fôssemos felizes sem ser imortais, ou imortais sem ser felizes, nossa situação seria aceitável. Mas ser ao mesmo tempo mortal e infeliz, ou se saber mortal sem se julgar feliz, é uma razão forte para tentar se safar, para filosofar de verdade, como dizia Epicuro⁸, em suma, para tentar ser sábio.

Isso também vai ao encontro de outra fórmula, relatada por Malraux. Certo dia, Malraux encontra um velho padre católico; e o que fascina o livre-pensador que era Malraux, no personagem do velho padre, é principalmente o que ele supõe a justo título que seja sua experiência de confessor. Malraux interroga-o: padre, diga-me o que descobriu em toda essa sua vida de confessor, o que lhe ensinou essa longa intimidade com o segredo das almas... O velho padre reflete alguns instantes, depois responde a Malraux (eu cito de memória): 'Vou lhe dizer duas coisas. A primeira é que as pessoas são muito mais infelizes do que se imagina. A segunda é que não há grandes pessoas.' Acrescentarei mais uma vez: por isso a sabedoria é necessária, por isso é preciso filosofar. Porque somos muito mais infelizes, ou muito menos felizes, do que os outros imaginam; e porque não há grandes pessoas.

É meu ponto de partida: não somos felizes, ou não o somos suficientemente, ou demasiado raramente. Mas por quê?

⁸ *Sentence vaticane* 54 (trad. fr. M. Conche, p. 261).

Não somos felizes, às vezes, porque tudo vai mal. Quero dizer com isso que os que não eram felizes em Ruanda ou na ex-Iugoslávia, nos piores momentos dos massacres, ou os que não são felizes hoje no Timor Leste ou, mais perto de nós, os que sofrem a miséria, o desemprego, a exclusão, os que são afetados por uma doença grave ou têm um próximo morrendo..., que estes não sejam felizes, compreendo facilmente, e a maior urgência, para eles, sem dúvida não é filosofar. Não digo que não cabe filosofar no Timor Leste ou num serviço de cancerologia, mas diria que não é a principal urgência: antes é preciso sobreviver e lutar, ajudar e tratar.

Mas, se não somos felizes, nem sempre é porque tudo vai mal. Também acontece, e com maior frequência, não sermos felizes quando tudo vai mais ou menos bem, pelo menos para nós. Penso em todos os momentos em que nos dizemos "tenho tudo para ser feliz". Só que, como vocês notaram tão bem quanto eu, não basta ter tudo para ser feliz... para sê-lo de fato. O que nos falta para ser feliz, quando temos tudo para ser e não somos? Falta-nos a sabedoria.

Sei perfeitamente que os estóicos (e os epicurianos não eram menos ambiciosos) pretendiam que o sábio é feliz em toda e qualquer circunstância, independentemente do que lhe possa acontecer. Sua casa acaba de pegar fogo? Não tem importância: se você tem sabedoria, você é feliz! "Mas na minha casa estavam minha mulher, meus filhos... Morreram todos!" Não tem importância: se você tem sabedoria, você é feliz. Pode ser... Confesso que me sinto incapaz dessa sabedoria. Não me sinto nem mesmo capaz de desejá-la verdadeiramente. Aliás, os próprios estóicos reconheciam ser possível que nenhum sábio, no sentido em que empregavam a palavra, jamais tivesse existido... Essa sabedoria, absoluta, desumana ou sobre-humana, não passa de um ideal que nos ofusca pelo menos tanto quanto nos ilumina. Sou como Montaigne: "Esses humores transcendentais me assustam, como os lugares altos e inacessíveis."⁹ Eu me contentaria perfeitamente com uma sabedoria menos ambiciosa ou menos assustadora, com uma sabedoria de segunda linha, que me permitisse ser feliz não quando tudo vai mal (não sou capaz disso e não o peço tanto assim), mas quando tudo vai mais ou menos bem, como acontece - nos países um pouco mais favorecidos pela história e para muitos de nós - com maior frequência. Uma sabedoria da vida cotidiana; se quiserem, uma sabedoria à Montaigne: uma sabedoria para todos os dias e para todos nós... "Tão sábio quanto queira", escreve ainda Montaigne, "mas afinal é um homem: o que há de mais frágil, mais miserável e mais nulo? A sabedoria não fortalece nossas condições naturais..."¹⁰ Não é uma razão para viver de uma maneira qualquer, nem para renunciar à felicidade.

O que nos falta para ser feliz, quando temos tudo para sê-lo e não somos? O que nos falta é a sabedoria, em outras palavras, *saber viver*, não no sentido

⁹ *Essais*, III, 13 (p. 1115 da ed. Ir. Villey-Saulnier, PUF, 1978).

¹⁰ *Essais*, II, 2 (trad. bras.: *Os ensaios*, II, São Paulo, Martins Fontes, 2000).

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

